

«A metafísica, entre nós, nunca foi ensinada na Universidade desde o século XVIII»;
«... crise não só da Universidade, mas do processo de humanização do homem...»

— diz-nos Delfim Santos

ESTAMOS no gabinete de trabalho do mais novo catedrático da Universidade de Lisboa: o prof. Delfim Santos. Localizado no terceiro andar de um prédio de apartamentos da Travessa da Fábrica dos Pentes, as paredes dos quartos e corredores estão forradas de estantes, cujo acervo bibliográfico é o mais importante de toda a capital lusa em matéria de filosofia moderna e contemporânea. Lá está todo o Kant da edição Cassirer, todo o Fichte da edição Medicus, e todo o Heidegger e todo o Jaspers autografados, sem contarmos os momentos mais altos do pensamento grego e medieval. Antigo bolsista das tradicionais universidades alemãs, Delfim Santos iniciou-se como seguidor da corrente lógico-matemática, tendo pertencido ao «círculo de Viena»; em Berlim, como aluno de Nikolai Hartmann, aproxima-se do neo-kantismo e da fenomenologia husserliana; estanca ainda na Inglaterra e em França; finalmente, em Friburgo, Heidegger leva-o a adoptar a filosofia da existência. Hoje, Delfim Santos, sem ser um «existencialista» ortodoxo, figura no entanto ao lado dos mais eminentes filósofos dessa corrente.

Defesa ideológica

Trazendo a experiência das mais graves e vetustas universidades europeias, onde figuram também as do Porto e Coimbra, e regendo a cátedra de pedagogia e filosofia da educação, Delfim Santos estava perfeitamente capacitado para depor no nosso inquérito sobre a crise da universidade. Por isso fizemos com que o nosso diálogo girasse em torno desse tema. Assim, indagamos:

— Há uma crise da Universidade?

— «A crise da Universidade é principalmente funcional. A minha resposta, portanto, é afirmativa: existe a crise. Mas, funcional. Enquanto na época da formação foi clara e bem definida a sua finalidade: preparação do homem para a defesa de um conteúdo ideológico previamente aceite ou previamente imposto, que a ele próprio dizia eminentemente respeito, no nosso tempo deslocou-se esse conteúdo na ordem dos valores: e outros surgiram substituindo-o em predominância. A Universidade teve sempre missão ancilar, mas o que ela servia era o próprio homem nas suas relações consigo e com Deus.»

— Muito bem. Mas, como organismo dependente do Estado, hoje, quem ou o quê deve ela servir?

— «A resposta só pode ser uma: a Nação, cujos serviços o Estado ordena e coordena. Na nossa época, os interesses primordiais do Estado ao serviço da Nação pertencem à esfera do económico — que sucederam aos interesses de ordem teológica, antropológica e social — e, portanto, é o rendimento útil, pragmaticamente útil, que a todos os serviços é exigido. Como não podia deixar de ser, a Universidade passou a ser órgão de transmissão de processos técnicos e investigadora de novos métodos para a melhor consecução dos seus fins: prosperidade e riqueza.»

Síntomas de crise

— Quer dizer, então, que a crise da Universidade é apenas parcial?

— «Sim, parcial, mas, no nosso entender, da melhor parte. A crise revela-se inegavelmente nos estudos de intenção e conteúdo teológico, humanista, filosófico, pedagógico e crítico, isto é, no domínio das ciências do espírito. Primeiro sintoma expressivo dessa crise, que se vem manifestando há algumas décadas, foi a extinção das Faculdades de Teologia e o preenchimento dos quadros de estudos das Faculdades de Filosofia com disciplinas de técnica experimental transportadas das ciências da natureza, como a psicologia fisiológica e a matematização da lógica. A metafísica, entre nós, nunca foi ensinada na Universidade desde o século XVIII... Os estudos de filosofia clássica ficaram como resíduos sempre ameaçados de desaparecimento e, se as coisas assim continuarem, pouco falta para a aniquilação total dos vestígios residuais. O «homem technicus», como tipo ideal do nosso tempo, não necessita da chamada cultura desinteressada ou humanista. A criação da Universidade Técnica, entre nós, é eminentemente significativa da situação «espiritual» da nossa época. Na verdade, a partir de certo ponto de vista, é esta que merece ser chamada continuadora da universidade medieval. A sua função é proveniente de um conteúdo ideológico tão incontestável como o que orientou a universidade medieval.»

— Neste caso, a «nova» Universidade, geratriz do «homem technicus», tem sua razão de ser...

— «É evidente a sua utilidade, a sua acção na formação de missionários da riqueza nacional. Ao primado do teológico sucedeu o primado do económico, e se uma tinha como missão, a partir de um indubitável credo, fornecer e preparar os elementos eficientes

para a sua extensão, a outra igualmente tem por missão estender os benefícios conseguidos para a manutenção e criação de riqueza. Tanto uma como outra são servidoras a partir de um núcleo tornado incontestável nas respectivas épocas do que mais interessa. Mas é também incontestável que este «progresso» diminuiu o homem...»

«Funcionários de humanização»

— E a chamada Universidade clássica? Qual a sua missão no quadro das exigências produtivas da nossa época?

— «A Universidade criada no século XIII pretendia conciliar o que, provindo da tradição greco-romana, não era de intenção pragmática com exigências de utilidade espiritual. Este sentido de utilidade transferiu-se para o material e veio a orientar o quadro de estudos da Universidade Técnica. E a transformação do mundo, operada a partir do século XIX, dando predominância ao utilitário, ao rendoso, ao aumentativo da riqueza material, foi deslocando, como não podia deixar de ser, as Faculdades de estudos teóricos, embora também de incalculável valor prático na formação do homem, para lugar de subalternidade. Daí, profissionalização total da humanidade e a valorização profissional do homem, no sentido «faberício», ocasionou a crise não só da Universidade, mas do processo de humanização do homem que os seus estudos pretendiam. Tudo o que na Universidade se relaciona directamente com as raízes gregas da nossa cultura e seu desenvolvimento ao longo dos tempos, isto é, com as autênticas formas de pensamento de que se ocupam as ciências do espírito, tendem para o ocaso até ao dia em que o homem, reduzido integralmente a instrumento da técnica, sinta necessidade de voltar a ser homem, livremente homem. Então a Universidade de tipo clássico, agente de regresso e não de progresso, retomará a missão de formar «funcionários de humanização» que, na expressão de Husserl, são os cultores das ciências do espírito e de que a humanidade urgentemente necessita. Talvez se chegue a esta convicção demasiado tarde, mas, embora com maior esforço devido ao tardio da hora, nem tudo se perderá. A Universidade tem duas partes de diferente origem histórica. Uma delas está em crise. Mas é precisamente da que está em crise que sairá a possibilidade de equilíbrio a estabelecer necessariamente.»